

## A ARTE DA FOTOGRAFIA NA ANTROPOLOGIA: O USO DE IMAGENS COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA SOCIAL

THE ART OF PHOTOGRAPHY IN ANTHROPOLOGY:  
THE USE OF IMAGES AS A SOCIAL RESEARCH TOOL

*Andressa Nunes Soilo\**

**Cite este artigo:** SOILO, Andressa Nunes. A Arte da Fotografia na Antropologia: o Uso de Imagens como Instrumentos de Pesquisa Social. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.73-80, Dezembro. 2012. Semestral. Disponível em: < [www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br) >. Acesso em: 30 de Dezembro. 2012.

**Resumo:** O presente artigo visa construir, brevemente, uma aproximação entre antropologia e fotografia. A fim de compreender as interações do homem com o espaço no qual habita, a antropologia pode se utilizar de recursos imagéticos para alcançar diferentes perspectivas acerca de estudos sociais. A fotografia pode se apresentar de modo conjunto com o trabalho de campo produzindo sentidos que superam a perspectiva meramente imagética ou textual integrando significações.

**Abstract:** This article aims to briefly construct an approach between anthropology and photography. In order to comprehend the human interactions with the inhabited space, anthropology can use image resources to reach different perspectives about social studies. Photography can present itself blended with field work, producing meanings that overrule the perspective that is simply imagistic or textual, integrating significations.

**Palavras-chave:** Antropologia, Fotografia, Instrumento de Pesquisa, Arte.

**Keywords:** Anthropology, Photography, Research Instrument, Art.

### 1. Introdução

*Você não fotografa com sua máquina. Você fotografa com toda sua cultura.*

*Sebastião Salgado*

O presente trabalho é fruto de estudos vinculados ao Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NAVISUAL/UFRGS) e visa apresentar breves considerações acerca dos usos da fotografia como instrumento de pesquisa

social, especialmente antropológica. Considera-se neste artigo a fotografia não apenas como expressão artística capaz de demonstrar objetos com precisão, mas também com potencial de estabelecer novas formas de conhecimento científico.

A tradicional forma de abordar por meio da escrita o conhecimento, atualmente vem dando espaço às novas possibilidades de versar sobre a ciência através de recursos imagéticos. Se a cultura material, gestos, práticas, rituais podem ser descritos textualmente, também são passíveis de estampar fotografias, estas muitas vezes apresentando características não suscetíveis de revelação através da escrita.

A estrutura do artigo consiste em, primeiramente, abordar a fotografia como arte e demonstrar sua capacidade comunicativa que acaba por interferir na organização social, após mostrar-se à um breve relato sobre as características deste recurso imagético, sua objetividade - ou falta dela - além de sua introdução deste recurso no país. Por fim, este trabalho trará um breve apanhado bibliográfico acerca da utilização da fotografia como instrumento de pesquisa social com enfoque antropológico.

## **2. Intersecção entre Antropologia e Arte**

Neste trabalho, a fotografia, ao ofertar novos rumos à arte, é apresentada como expressão artística (RAMOS, 2009). O diálogo entre antropologia e arte se torna relevante a partir da revelação dessas áreas sobre as diferentes formas de manifestação do homem com o meio, este expresso tanto pela natureza quanto por relações sociais. De acordo com Samain (1995) não há sociedade e cultura sem meios de comunicação, estes se relacionam com o modo de organização do homem em sociedade, suas crenças, suas práticas, além de formas de interações com o todo - homem e natureza. Neste sentido, tanto a arte quanto a antropologia estabelecem um diálogo no qual a expressão da experiência de mundo do homem é um dos objetivos primordiais.

Caracterizamos a arte como uma linguagem, uma estrutura, um sistema, um ato, um símbolo, um padrão de sentimento: buscamos metáforas científicas, espirituais, tecnológicas, políticas; e se nada disso dá certo, juntamos várias frases incompreensíveis na expectativa de que alguém nos ajudará tornando-as mais inteligíveis (GEERTZ, 1997, p.147).

A arte, conforme Goldstein (2008), assume historicamente a característica de mecanismo de distinção entre os atores sociais em seus processos de identificações - como ocorriam com as representações de linhagens aristocráticas onde apenas a parcela de estratos elevados tinha acesso a pinturas de seus retratos - e conseqüentemente como expressão da dominação. Temas dessa ordem trazem à tona discussões a respeito da arte “primitiva”, que carrega em si o etnocentrismo da consideração da linguagem técnica como a “verdadeira” arte em detrimento da arte expressa por meio de uma linguagem não técnica (GOLDSTEIN, 2008).

O meio social está intimamente relacionado com a expressão do indivíduo a partir das influências que recebe da sociedade, portanto, a arte acaba por ser um resultado cultural. Os valores de uma determinada época, seu contexto social, histórico, político e cultural repercutem

na maneira de reflexão sobre o tempo vivido. Para Geertz (1997) a arte não se torna um “espelho” dos acontecimentos, nem uma forma de manter e definir as relações sociais, mas a materialização de como se pensa, de uma forma de viver construída a partir do sentimento que o social proporciona. Conforme o autor:

A participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro nada mais é que um setor do segundo. Uma teoria da arte, portanto, é, ao mesmo tempo, uma teoria da cultura e não um empreendimento autônomo (GEERTZ, 1997, p.165).

De acordo com Baxandall (1991) os fatos sociais influenciam o olhar de modo que este adquire o hábito de reconhecer algumas formas em detrimentos de outras não compartilhadas coletivamente. O gosto assim como o estilo na arte é de grande importância histórica e antropológica por permitir o reconhecimento de formas de convívio humano, suas percepções, sensibilidades, modos de pensar em cada período no tempo.

### **3. Características da imagem fotográfica**

A evocação da memória é uma das características mais fortes da fotografia, esta, conforme Kossoy (2001) pode despertar paixões ou servir como meio de conhecimento. Durante muito tempo houve resistências à aceitação da imagem como um documento, devido à tradição documental em nossa sociedade. Para Boris Kossoy (2001), a “Revolução Documental” da década de 90 do século XX veio relativizar a posição de resistência e considerar a foto como um documento relevante. Hoje uma mesma fotografia pode ser bem valorizada como objeto de estudo em diferentes áreas específicas das ciências e das artes.

Captando a aparência de parcelas do mundo visível, a fotografia tem sido compulsivamente utilizada para o registro do entorno da vasta comunidade mundial dos fotógrafos. Das excursões daguerreanas às primeiras tentativas de conquista do espaço sideral, por onde quer que o homem tenha se aventurado nos últimos cento e sessenta anos, a câmara o tem acompanhado, comprovando sua trajetória, suas realizações. Seja como meio de recordação e documentação da vida familiar, seja como meio de informação e divulgação dos fatos, seja como forma de expressão artística, ou mesmo enquanto instrumento de pesquisa científica, a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana (KOSSOY, 2001, p. 155).

O fotógrafo constrói suas imagens operando a cultura na qual aquele foi constituído, cultura esta que influenciará no produto final desde o momento da seleção do fragmento imagético até sua materialização (KOSSOY, 2001). A visão de mundo do fotógrafo, de acordo com Boris Kossoy (2001), será registrada independentemente do assunto proposto para a fotografia.

A avaliação do conteúdo fotográfico dependerá não somente da descrição dos elementos que o constituem, mas também do conhecimento do contexto cultural, político e social para que a interpretação seja possível:

Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado, ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. Monumentos históricos, vestuários, posses e aparências dos personagens estão ali esperando interpretações (KOSSOY, 2001, p.101).

Baxandall (1991) faz referência parecida em seu livro ao considerar o momento histórico como importante instrumento de interpretação da arte:

Quanto ao conhecimento da história, se não se soubesse nada da Anunciação, seria difícil saber exatamente o que se passa na pintura de Piero; como salientou uma vez um crítico, se toda a história cristã fosse um dia perdida, uma pessoa poderia facilmente supor que as duas figuras, o anjo Gabriel e Maria, estavam dedicando uma espécie de devota atenção à coluna que os separa (BAXANDALL, 1991, p. 44).

A veracidade depositada na fotografia é, devido às inclinações culturais na qual é construída, interpretada e reinterpretada, enganosa. Deve-se estar ciente de que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da experiência do mundo selecionada pelo fotógrafo que, por sua vez, será interpretada conforme o arcabouço cultural do receptor (RODRIGUES, 2007). Logo, o resultado final de uma foto nada mais é do que consequência de uma negociação entre o fotógrafo e o receptor da imagem (KOSSOY, 2001).

Conforme Mendes (2003), a fotografia no Brasil surge em 1840 e assume a característica de um “não objeto” na esfera cultural, sendo utilizada principalmente para retratos e identificação de documentos oficiais. Neste sentido, Kossoy (2001) explica que o país com configurações de um sistema colonial de produção condicionou uma peculiar expansão da atividade fotográfica concentrada nas maiores cidades da época, e utilizadas por professores, aventureiros e estrangeiros que vinham para as terras brasileiras. As modas fotográficas dos maiores centros industriais mundiais repercutiam no país.

Com a difusão da fotografia, a possibilidade de perpetuação da própria imagem tornou-se, conforme Kossoy (2001) uma necessidade de ordem psicológica. A *carte de visite*, criação gráfica constituída por uma pequena foto geralmente individual a ser oferecida a amigos e parentes (LEITE, 2011), tornou-se moda na segunda metade do século XIX no Brasil (MAYA, 2008). A “civilização da imagem”, conforme Kossoy (2001), já era demonstrada a partir da impressão, de seus cartões postais e publicações ilustradas.

#### **4. A fotografia como instrumento de pesquisa antropológica**

A fotografia como uma das formas de expressão artística mais difundida atualmente representa parte da experiência de mundo do fotógrafo a partir de sua percepção inicial, ou de quem o contrata, e assume posteriormente novas interpretações dos receptores da imagem. A fotografia surge no período da Revolução Industrial (RODRIGUES, 2007) e em seu limiar relatava acontecimentos para arquivos históricos. Com a sua disseminação ao longo do tempo acaba por trazer a possibilidade inovadora de servir de instrumento de pesquisa, expressão artística e repassar informações e conhecimentos (FABRIS, 2008).

A aceitação da fotografia no que diz respeito ao consumo teve grande expressão em meados da segunda metade do século XIX gerando comércios lucrativos no ramo. Com isso, o ato de fotografar passou gradualmente a documentar “a expressão cultural dos povos, exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos” (KOSSOY, 2001, p.26).

Com a chegada da fotografia, o mundo passou a ser retratado através de imagens registradas em expedições científicas (FABRIS, 2008) e não somente com retratos realizados em estúdios. Neste sentido, Kossoy (2001, p.26-27) explica que o surgimento da fotografia “foi o início de um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual dos hábitos e fatos dos povos distantes”. A imagem utilizada a fim de capturar a cultura das sociedades contribui em termos de informação em diversas áreas do conhecimento, especialmente para a antropologia preocupada em compreender as ações do homem em relação ao meio – homens, grupos humanos e natureza. Conforme Clarice Peixoto (1998), a fotografia na antropologia permite que os limites desta disciplina sejam estendidos de forma a contribuir para as análises nesta área, como será visto a seguir.

Milton Gurhan (1995) aponta para o nascimento simultâneo da fotografia e da antropologia no século XIX, período que marca o encontro dessas duas áreas interessadas pela vida social. De acordo com este autor a fotografia, nessa época, tinha a característica de ser posada e sofrer forte ideologia dos pesquisadores. Algumas expedições “fotográfico-etnográficas” realizadas nesse período retratavam, além de monumentos das civilizações antigas, os costumes e a vida cotidiana dos povos. A partir da década de 1930 a espontaneidade nas fotos era mais recorrente facilitando a representação de interpretação da experiência de mundo. O fotógrafo, como diz Gurhan (1995), se consolidou como autor na medida em que se encontrava livre da boa vontade de pose de seu objeto.

De acordo com Luciana Aguiar Bittencourt (1998), desde sempre os recursos imagéticos foram utilizados por antropólogos para representar o contexto social estudado, a autora traz como exemplos, a grafia de disposições espaciais e representações de peças de cultura matériá. Os recursos imagéticos, conforme Bittencourt (1998) acabam por transcender os limites de representação da escrita, porém não a substitui. A fotografia serviria como um recurso retórico que legitima a credibilidade do texto antropológico, ainda que haja questionamentos sobre esse realismo no que concerne à objetivação de quem a produz. Boris Kossoy (2002) fala sobre a parcialidade inerente a uma imagem fotográfica:

Apesar de sua vinculação documental com o referente, o testemunho que se vê gravado na fotografia se acha fundido ao processo de criação do fotógrafo. O dado do real, registrado fotograficamente, corresponde a um produto documental elaborado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente: registro/criação (KOSSOY, 2002, 34-35).

A importância da fotografia para a antropologia, segundo Bittencourt (1998), é conseguir retratar as experiências do mundo de uma forma mais sensível e detalhada como as

comunicações não verbais, expressões de sentimentos, sistemas de atitudes, padrões de comportamento, processos de mudanças sociais, identidades. Ainda conforme a autora, como a escrita, as fotografias demonstram estilos de vida, gestos e ritos, preservam memórias, além de aprofundarem a compreensão da cultura material e de suas transformações no tempo. Bittencourt (1998) acredita que a imagem na pesquisa de campo não deve ater-se apenas ao seu caráter documental ou à análise de seu conteúdo, mas sim considerar o processo imagético e a atribuição de significados produzidos pelos atores sociais.

Conforme Godolphim (1995), a foto na antropologia deve ter o objetivo de captar uma situação etnográfica e sociológica. Precisa ser capaz de transmitir as peculiaridades dessa situação para uma terceira pessoa ou grupo e comunicar da melhor maneira possível a interpretação que o pesquisador pretende demonstrar. Ainda de acordo com Godolphim (1995), o acréscimo de uma legenda, ou de um texto à imagem não é a única maneira de compreender a interpretação proposta pelo pesquisador, a fotografia em si possui uma linguagem narrativa que une a imagem ao tempo ao exibir uma determinada disposição de elementos que a constituem. Por sua vez, a palavra materializada em legenda ao agregar-se a uma imagem, pode tanto delimitar a interpretação do receptor da fotografia como ampliar seus significados isolados criando uma relação de complementaridade (PIETROFORTE, 2010).

Sobre quais fotografias produzir na pesquisa etnográfica Clarice Peixoto (1998) ensina que o registro de imagens é uma representação do real, contudo, as imagens criadas podem expressar abstração. Neste sentido faz-se prudente a realização de um “roteiro” prévio sobre as imagens que o pesquisador pretende elaborar a fim de evitar fotografias abstratas e incompreensíveis.

Consoante o apresentado neste trabalho, a imagem fotográfica acaba propiciando ao homem, como explanam Eckert & Rocha (2000), novas formas de perceber "mundos sensíveis" (ECKERT & ROCHA, 2000, p. 1) antes não notados. Esta precisão consequente da tecnologia de recursos imagéticos muito tem a ver com o ideário de modernidade e de sua necessidade de "descrevê-la e dominá-la" (ECKERT & ROCHA, 2000, p.1).

A fotografia apresenta inserção recente na esfera do conhecimento atrelada à ciência, contudo, trabalhos como de Achutti (1997) na área da antropologia expressam o potencial fotográfico de transmitir formas de organizações sociais em imagens. As oportunidades dos recursos imagéticos e de sua elevada gama tecnológica podem complementar e contribuir para a pesquisa social, demonstrando a precisão de um cenário coletivo, somando significados e interpretações ao objeto de estudo, narrando práticas e modos de vida de diferentes grupos, suas expressões mais sensíveis não captadas somente pela escrita.

## 5. Considerações Finais

A fotografia e a antropologia assemelham-se em suas curiosidades acerca do homem e de suas expressões biológicas, psicológicas e sociais. A necessidade de conhecer o mundo e suas

peculiaridades une a fotografia à antropologia ao propiciar ao pesquisador novos recursos para a compreensão de seu objeto de estudo. A imagem como ferramenta de pesquisa, ainda que haja resistência a respeito, vem assumindo espaço não somente na antropologia, mas também nas ciências humanas ao apresentar novas formas de perceber o mundo.

Contudo, a utilização da fotografia não pode ser encarada com objetividade, como a verdade sobre um fato possível de ser retratado pelas lentes mecânicas pois, a subjetividade é inerente à foto desde seu planejamento pelo fotógrafo, ou por quem o contrata, até seu destino final que é a interpretação do receptor, a pessoa que observa a fotografia. A cultura de quem a produz e de quem a observa está intimamente relacionada nesta produção imagética, evitando a característica objetiva e positivista muitas vezes depositada à fotografia.

O pesquisador, ao retratar seu objeto de estudo através da fotografia, constrói visões de mundo dialogando com os atores sociais na produção destas representações imagéticas. Com isso o pesquisador deve ter consciência de que o conteúdo de suas imagens não denota uma verdade pré-existente e sim constrói representações de mundo. Logo, a inserção dos recursos imagéticos à pesquisa científica tem a intenção de ampliar e/ou potencializar a capacidade de compreensão do objeto estudado.

Este artigo teve por objetivo colaborar para a compreensão da utilização da fotografia como instrumento de pesquisa antropológica. Atravessa-se um momento em que os recursos imagéticos são valorizados nas ciências humanas contribuindo para novas formas de apreensão de experiências de mundo. A capacitação dos pesquisadores para a produção e leitura deste tipo de meio de comunicação se faz fundamental em nossa sociedade cada vez mais habituada a transmissão de ideias através de suportes não somente textuais. 🌐

## NOTAS

\* Aluna de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou essa pesquisa sob orientação do Professor Dr Marcelo Kunrath Silva no projeto de “Regimes e Repertórios Associativos: oportunidades políticas e organização social no Brasil”. Atualmente, é bolsista da UFRGS. E-mail: andressansoilo@hotmail.com

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia, um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.

BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente – Pintura e experiência social na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1991.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE Míriam L. Moreira (orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papius, 1998.

ECKERT, Conelia, & ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Imagem recolocada: Pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo*. **Iluminuras: Série do Banco de Imagem e Efeitos Visuais**. Porto Alegre, 2000, 8, p. 1-12.

- FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1991, p.11-37.
- GEERTZ, Clifford. **A Arte como um sistema cultural**. O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GODOLPHIM, Nuno. **A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**. In: Horizontes Antropológicos ano 1, n° 2, págs. 125-142. Porto Alegre: 1995.
- GOLDSTEIN, Ilana. Reflexões sobre a Arte "Primitiva": O Caso do Musée Branly. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 279-314, jan./jun. 2008.
- HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 209-219, jul./set. 1995. **Entrevista com Milton Gurhan**.
- KOSSOY, Boris. A Imagem fotográfica: sua trama, suas realidades. In: **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo, Atelier Editorial, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LEITE, Marcelo Eduardo. As fotografias *cartes de visite* e a construção de individualidades. In: **Interin**, Curitiba, v.11, n.1, jan/jun, p. 1-16.
- MAYA, Eduardo Ewald. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. In: **Discursos fotográficos, Londrina**, v.4, n.5, p.103-129, jul./dez. 2008.
- MENDES, Ricardo. Once upon a time: uma história da história da fotografia brasileira. In: **Anais do Museu Paulista, USP**, ano/vol. 6/7, n. 7, 2003, p. 183-206.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE Míriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica Visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- RAMOS, Matheus Mazini. Fotografia e arte: demarcando fronteiras. In: **Contemporânea**, Sorocaba, n.12, p. 129-142, 2009.
- RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. Análise e tematização da imagem fotográfica. In: **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67 – 76, set./dez. 2007.
- SAMAIN, Etienne: "Ver" e "Dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. In: **Horizontes Antropológicos**. n. 2, UFRGS, 1995, p. 19-48.
- ZOETTL, Peter Anton, 2009, Braços cortados: o realismo fílmico e a antropologia visual. **Illuminuras**, vol. 10 (23).